

Capítulo 2 – Racismos, machismos, homofobias, misoginias e outras hipocrisias no mundo atual

Bruno Flores Lima

[...] a cultura determina como deve comportar-se em cada situação, os valores, o que é bom, o que é mau, as lendas [...] (LASSO)

Considerações iniciais

Este capítulo traz uma reflexão do autor baseada em sua experiência de vida, adquirida em tudo que assistiu em novelas, filmes, entrevistas de TV ou revistas, em sua convivência em família, com amigos, colegas em escola e universidades, em leitura de livros, inclusive biográficos, em artigos publicados por cientistas, obras culturais e artísticas em todas as suas formas, textos de psicólogos e neurocientistas. A partir desse levantamento prévio, o autor refletiu muito sobre o tema e propõe ao leitor que ele também reflita a respeito dos assuntos aqui abordados. Saliento que meu pensamento a respeito foi amadurecendo e se modificando ao longo dos anos e, evidentemente, ainda está em constante amadurecimento, sempre na busca do ideal de um mundo mais harmônico e de respeito mútuo entre todas as pessoas do planeta.

Gostaria também de inserir a discussão desse tema e relacioná-lo com o início dos relacionamentos amorosos. Em outras palavras, como a Homofobia, a Misoginia, o Machismo, o Racismo, entre outras atitudes como essas influenciam os relacionamentos afetivo-sexuais, mesmo antes deles começarem? Como identificar no discurso ou nas atitudes pessoas misóginas, machistas, racistas e com atitudes que podem comprometer a qualidade e a duração de um relacionamento amoroso? Por quanto tempo ele pode durar?

Essas serão algumas perguntas que eu me proporei a responder durante esse texto.

Antes de começar a tratar do tema propriamente dito, gostaria de dizer que o autor tem uma visão e um olhar um tanto quanto “de fora”, distante, haja vista que é homem, branco, heterossexual e de classe média, portanto nunca tendo sentido exatamente na pele a discriminação e o preconceito que as pessoas homossexuais, sejam masculinos ou femininos, as mulheres e os negros sofrem no dia a dia de suas vidas, seja no trabalho, seja no contexto familiar e social. Observo ainda que meu olhar sempre busca ser empático com o outro, com o diferente, pois assim concebo o sentido da vida.

Homofobia x Hipocrisia

De acordo com o dicionário eletrônico Houaiss (2009), podemos entender a homofobia como um substantivo feminino, rejeição ou aversão a pessoa homossexual e/ou à homossexualidade. Ainda de acordo com Lasso:

Acreditamos que a homossexualidade é: [...] com toda a probabilidade, um fato com o qual os diferentes grupos humanos tiveram e têm de enfrentar-se ao nível cultural para dar-lhe um sentido, um enquadramento, uma explicação ou uma condenação como uma forma de sexualidade diferente da heterossexualidade, inapta para a procriação, mas sim para resolver instintivamente o impulso sexual, desafogando-o, ou para organizar as categorias hierárquicas entre os machos da espécie. (LASSO, 1985, p. 33).

Já hipocrisia é o ato de fingir ter crenças, virtudes, ideias e sentimentos que a pessoa na verdade não possui, frequentemente exigindo que os outros se comportem dentro de certos parâmetros de conduta moral que a própria pessoa extrapola ou deixa de adotar. A palavra deriva etimologicamente do latim *hypocrisis* e do grego *hupokrisis* – ambos os termos significando a representação de um ator, atuação, fingimento (no sentido artístico). Essa palavra

passou mais tarde a designar moralmente pessoas que representam, que fingem comportamentos.

A violência contra LGBTs é denominada “LGBTfobia” ou simplesmente “homofobia”, um conceito relativamente recente do que é exteriorizado pela sociedade, um conjunto de violações socioculturais, econômicas e políticas que estruturam os valores morais sobre os gêneros e as sexualidades (PEIXOTO, 2018).

Infelizmente a sociedade ainda tolera HIPOCRITAMENTE a homofobia. Em outras palavras, fingimos uma pacífica convivência e ainda bradamos em alto e bom tom: “Eu não sou homofóbico, eu ATÉ tenho amigos que são gays”, como se isso fosse um grande favor para a sociedade. Apesar de existirem vários movimentos em defesa do direito de minorias como as étnico-raciais, mulheres, pessoas com deficiência, quando o assunto é o combate à violência pelos direitos da população LGBT, poucos se apresentam. Dizer em público que não simpatiza ou mesmo que odeia homossexuais ainda é algo permitido pela sociedade, uma forma comum de afirmação e de constituição da heterossexualidade masculina (DINIS, 2011, p. 41).

Para nossos fins, podemos compreender a homofobia como o preconceito e a discriminação contra os homossexuais. Quem são as pessoas homossexuais? Simplesmente, é cada pessoa que se homoafilia a pessoas do mesmo sexo que o delas. O que quero dizer com isso? É curioso, mas caro leitor, você sabia que as pessoas crossdressers, drag queens/drag kings, transsexuais e outras variações de sexualidade que fogem do padrão pré-concebido da “normalidade” heterossexual nem sempre são homossexuais? Em outras palavras, nem sempre pessoas com essas características, possuem uma orientação homoafetiva para pessoas do mesmo sexo. Vejamos mais especificamente a que se referem algumas dessas categorias segundo o que apontam os autores Carvalho (2018) e Jesus (2012):

- Os crossdressers usam ocasionalmente roupas do gênero oposto, mas não sentem a necessidade de fazer modificações físicas permanentes, como os transgêneros. Vale lembrar que

essa prática nada tem a ver com afiliação erótica. Inicialmente, esse termo se originou do fetiche que alguns homens tinham de se vestir como mulher para satisfazer uma fantasia sexual;

- Drag queen é o homem cisgênero (pessoa que se identifica com o sexo biológico com o qual nasceu) que se veste com roupas femininas de forma satírica e extravagante para shows e outros eventos. As roupas são questões artísticas. Atualmente, há diversos outros tipos de drag queens que não necessariamente utilizam o humor como base para as performances, como a cantora Pabllo Vittar, que trouxe maior visibilidade às drags. Já o drag king é a versão masculina das drag queens, ou seja, uma mulher que se veste com roupas masculinas para performances artísticas;
- Transexual é a pessoa que não se enxerga no gênero em que nasceu. Exemplo: uma pessoa que nasce em um corpo biologicamente masculino e, de alguma maneira, não se sente social nem culturalmente representado dessa forma e passa a se sentir confortável na forma feminina. Muitos e muitas se submetem a intervenções cirúrgicas para realizarem a adequação de gênero, mas não é regra;
- Travesti: muita gente faz confusão entre transexuais e travestis. Travesti é a pessoa que nasce do sexo masculino, mas que tem sua identidade de gênero oposta ao seu sexo biológico. Muitas travestis modificam os corpos por meio de hormonioterapias, aplicações de silicone ou por meio de cirurgias plásticas. Porém, vale ressaltar que isso não é regra. Diferentemente das transexuais, as travestis não desejam realizar a cirurgia de redesignação sexual (a famosa mudança do órgão genital). Utiliza-se o artigo definido feminino “a” para falar da travesti.

Independentemente dessas colocações, observa-se que a homofobia categoriza todas essas pessoas em uma vala comum e promove uma inadequada hierarquização na qual os heterossexuais se sentem numa posição de superioridade moral em relação a essas pessoas. Logo, a homofobia consiste em um problema social e político, por incutir medo ao que é diferente do

que é considerado padrão majoritário ou, ainda, por relacionar inadequadamente características como: só porque é gay, deve ser aidético, mau-caráter, entre outras pérolas que costumamos ouvir por aí.

Acredito que os padrões heteronormativos e o fenômeno da homossexualidade são construções e práticas histórico-culturais gestadas no interior de cada sociedade. De acordo com Hugo (2003, p. 54), “[...] foi a humanidade que criou o conceito de que a normalidade é a heterossexualidade. Mas no processo cultural, o homem desenvolveu outras formas de amor e sexualidade [...]” e “[...] a homossexualidade também é um produto da humanidade e jamais poderá ser entendida como aberração. Sem dúvida, foi uma construção coletiva que veio responder às necessidades da humanidade [...]”, então, “[...] a homossexualidade nesse caso é natureza, natureza homossexual, uma maneira de viver, de sentir, seja como for a maneira como se produziu [...]”, através de construções complexas ou induzidas. Vou explicar melhor o que quero dizer, na sequência.

O autor desse texto, que teve sua infância nos anos 1970 e sua adolescência nos anos 1980, cresceu vendo programas humorísticos de televisão com quadros nos quais os homossexuais eram sempre tratados em tom de deboche e de forma estereotipada. Nas novelas ou obras ficcionais mais sérias sequer apareciam. Transsexuais, então, nem se fala, eram praticamente uma aberração, sendo vistos com certa parcimônia apenas se tivessem grande beleza física, de acordo com os padrões vigentes, e figurassem em capas de revistas. Transformar-se-iam, assim, em símbolos sexuais e ganhariam algum prestígio e dinheiro com essa popularidade, embora não possa ser avaliado como estivessem suas estruturas psíquicas diante do uso de suas imagens, apenas pelo aspecto peculiar e, talvez, circense/carnavalesco que representavam por ocasião da época.

Lembro-me, também e muito bem que ser chamado de “viado” ou “bicha”, nos anos 1970 ou 1980, era uma ofensa gravíssima, como se fosse um crime imperdoável ter desejo por

peessoas do mesmo sexo. Isso era visto como algo vergonhoso, pecaminoso e doente. E, por falar em doença, por volta de 1983, numerosos casos de AIDS envolvendo celebridades homossexuais começaram a ser divulgados, o que contribuiu à época para que o preconceito pré-existente ganhasse contornos piores: a doença chegou até a ser apelidada de “câncer gay”! Líderes religiosos fundamentalistas de mais de uma religião afirmavam que a doença seria obra da espada de Deus para punir os pecadores devassos e gays. Desconsideraram-se as pessoas usuárias de drogas e mesmo as heterossexuais que disseminavam a doença como vetores para suas parceiras e até mesmo para outros homossexuais. Foi uma época terrível onde muitos homossexuais contraíram uma doença gravíssima que não tinha tratamento eficaz e sofriam duplamente, pelos efeitos nefastos da enfermidade em si e pelo preconceito da sociedade. Logo foi esclarecido que a doença também atingia heterossexuais, mas o estigma estava consolidado e, embora atenuado, permanece até os dias de hoje.

Posso, com muita tristeza, imaginar o quanto os homossexuais sofriam àquelas épocas há 20 anos ou mais, sendo obrigados a esconderem sua condição por uma vida inteira, o que certamente gerou, em toda uma geração, grande angústia que certamente repercutiu nos relacionamentos amorosos dessas pessoas. Muitos se casaram, tiveram filhos e foram obrigados a reprimir sua sexualidade ou então a exerciam de forma escondida e velada. Alguns viraram padres católicos, pois desta forma precisariam praticar o celibato e o sexo deixaria de ser uma questão em suas vidas. Evidentemente que não se pode generalizar, mas muitos casos de abusos e pedofilia nas igrejas demonstram que a repressão sexual não costuma trazer bons resultados.

Soube de um caso, nos anos 1980, de um importante e respeitável intelectual brasileiro que, já idoso, foi vítima de chantagem e preferiu cometer suicídio a ter sua intimidade exposta publicamente, tal a “vergonha” social e familiar que aquela revelação provocaria em sua vida.

Essa cultura estabelecida em nossa sociedade no decorrer dos anos 1990 e 2000 foi sendo modificada pela crescente preocupação com o que se convencionou denominar de “politicamente correto”. Termo este que vem sendo sistematicamente atacado, sendo o combate a ele uma das plataformas de campanha do atual presidente da República. Com frequência, a mera menção a algum episódio que envolva racismo, homofobia, sexismo, machismo ou xenofobia é desqualificada com referência ao termo, que estaria nos impedindo de sermos nós mesmos, de sermos espontâneos. É como se “politicamente correto” fosse um ser com vontade própria, um movimento, um sujeito dotado de consciência. A expressão politicamente incorreto é usada para descrever a linguagem ou ações que são vistas como excludentes, que marginalizam ou insultam grupos de pessoas que são vistos como desfavorecidos ou discriminados. No discurso político de determinada corrente ideológica e na mídia, o termo geralmente é usado como pejorativo, implicando que essas políticas são excessivas. Recentemente, um termo comumente usado, inclusive nas redes sociais como crítica, é o “mimimi”. Normalmente, quando se fala em “politicamente correto”, refere-se à neutralização de uma linguagem ou discurso, evitando o uso de narrativas estereotipadas ou que possam fazer referências às diversas formas de discriminação existentes, como o racismo, o sexismo, a homofobia etc.

A partir de meados dos anos 1990 e, com mais força, a partir dos anos 2.000, esse quadro mudou. Novelas nas televisões brasileiras e filmes de cinema passaram a inserir personagens gays de forma não estereotipada e sem fazer uso de forma depreciativa e debochada em seus enredos. Creio que isso tenha de certa forma contribuído para que a sociedade em geral passasse a enxergar a questão com outros olhos e o preconceito foi diminuindo, ou pelo menos as pessoas, em geral, passaram a ter um certo constrangimento em expô-lo abertamente, desde que o “problema” não fosse evidentemente na própria família (reparem a hipocrisia aparecendo).

Com o advento da Internet e das redes sociais, meios pelos quais as pessoas conseguiram expor seus pensamentos e ideias de forma anônima, sem precisar sofrer qualquer consequência, passamos a perceber que o preconceito não havia diminuído tanto quanto se supunha, estava na verdade apenas reprimido.

Não sei se o leitor já parou para ler comentários em qualquer notícia em portais da Internet quando se trata do assunto homossexualidade ou quando tem algum homossexual envolvido na nota. Isso vale também para outros tipos de preconceito que serão abordados oportunamente no avançar deste capítulo. É realmente de estarrecer tomarmos conhecimento do que se passa na cabeça de um sem número de pessoas que não pensam duas vezes antes de extravasar seus ódios gratuitos e humilhar e ofender pessoas que sequer conhecem. Esse tipo é costumeiramente chamado de “hater”, que significa “quem odeia”, em inglês. Não vou me arvorar em possíveis explicações psicológicas para a motivação que leva essas pessoas a terem tal comportamento de ódio, pois não é minha seara de conhecimento, consigo apenas observar, constatar e lamentar.

Quando ilusoriamente se acreditava que a homofobia estava aos poucos sendo superada pelas novas gerações, que já nasceram ou cresceram com o conceito do politicamente correto estabelecido, que presenciaram inicialmente a união estável ser reconhecida pelo Judiciário como legítima e válida e, posteriormente, até mesmo o casamento entre pessoas do mesmo sexo, um certo retrocesso começou a se configurar. Líderes religiosos que, a meu ver, podem ser considerados fundamentalistas, propagam a ideia, em cultos e programas de televisão, de que a homossexualidade é um grave pecado que precisa ser combatido, chegando a propor uma suposta “cura gay” que poderia ser conseguida através de aconselhamentos religiosos ou terapias psicológicas com esse intuito. Interessante notar que nesse aspecto os credos fundamentalistas se coadunam, seja com o cristianismo, seja com o islamismo. Ouso afirmar que há mais semelhanças entre o cristianismo fundamentalista e o islamismo fundamentalista do que entre essa vertente que alega

seguir Jesus Cristo e uma vertente cristã mais progressista, que prega acima de tudo o amor e a tolerância com o diferente.

E o preconceito não se dá somente no aspecto religioso, infelizmente os familiares, que deveriam dar apoio, estão entre as pessoas que mais discriminam. Observou-se que no ambiente familiar, os parentes próximos, 49,66%, foram os principais responsáveis dos atos. Quanto à violência sofrida, destaca-se a violência física, 45,08%, e sexual, 3,56%, após a revelação de sua identidade no ambiente familiar. As discriminações não ficaram restritas à família, 48,98% e 62,71%, respectivamente, relataram episódios na escola e no trabalho, com consequentes efeitos negativos para a saúde (SOUSA; ROCHA; BARROS, 2018).

Há um filme, lançado no início de 2019, dirigido pelo australiano Joel Edgerton e fundamentado no livro de memórias do norte-americano Garrard Conley chamado *“Boy erased”*, que retrata um caso verídico no qual o personagem central, um jovem filho de um pastor protestante, é internado pelos pais contra a própria vontade num centro de “reorientação sexual”, mantido por uma organização fundamentalista cristã. Os horrores e humilhações que os jovens, meninos e meninas, passam nesse Centro são realmente chocantes e é estarrecedor que esse tipo de instituição ainda exista em pleno século XXI, ainda mais num país de primeiro mundo. O filme retrata também a hipocrisia dos religiosos moralistas que quando supostamente não estão sendo vistos são flagrados cometendo “graves pecados” os quais não hesitariam em julgar e condenar nas outras pessoas. Por exemplo, um religioso pai de família que assiste a filmes pornográficos escondido, entre outros atos mais graves.

Um caso relativamente recente no Brasil, ocorrido em 2018, chocou e entristeceu as pessoas que dele tomaram conhecimento. Foi noticiado, no site *Catraca Livre*², o caso de um adolescente que cometeu suicídio por ser discriminado pela família. E o mais

² https://catracalivre.com.br/cidadania/jovem-gay-comete-suicidio-apos-desabafar-sobre-a-familia-na-web/?fbclid=IwAR1baWZPLorlfMr2wO0gnR00Euk3iY_Xlko6GID5Cazs62Ljs9nlSr2XJCE

estorrecedor é a hipocrisia dessa mesma família que ele expôs em publicações nas redes sociais. Nessas ele contava casos de pedofilia, abusos sexuais, estupro, abandono de filhos e manifestações de racismo explícito, todos protagonizados pelos avô, tio e pai. Mas o que realmente seria grave, pecaminoso e motivo de vergonha para os familiares era a homossexualidade! Muito triste de se pensar que o caso não é isolado.

Chegou a haver recentemente no Brasil um grande e polêmico embate no qual o Conselho de Psicologia tomou parte, determinando que a denominada “cura gay” não poderia ser objeto de terapias, o que causou revolta de famosos líderes religiosos que esbravejaram invocando perseguição religiosa. Interessante notar a hipocrisia dessas religiões que muito se preocupam com a sexualidade das pessoas, muito se preocupam com o que maiores de idade fazem entre quatro paredes em suas residências, mas não demonstram o mesmo interesse por combater a violência doméstica, o abandono parental e outros problemas realmente importantes que afetam de modo muito negativo as famílias e a sociedade como um todo.

Em relação a essa preocupação excessiva de líderes religiosos e políticos com a sexualidade alheia, vale lembrar a sábia fala do médico e escritor Dráuzio Varella (2014) a respeito quando ele diz em vídeo que está disponível no Youtube:

A homossexualidade é um tipo de comportamento sexual tão respeitável quanto à heterossexualidade. Discriminar os homossexuais por causa do próprio comportamento, por causa do tipo de desejo que eles têm, é uma ignorância absurda.

Eu vou te perguntar uma coisa: que diferença faz para você, para sua vida pessoal, se o seu vizinho dorme com outro homem; se a sua vizinha é apaixonada pela colega de escritório? Que diferença faz para você? Se faz diferença, procura um psiquiatra. Você não está legal. (VARELLA, 2014).

Recentemente, no mês de setembro de 2019, uma polêmica nesse sentido ocupou os jornais e redes sociais gerando debates e manifestações inflamadas. Uma Bienal do Livro no Rio de Janeiro tinha entre suas obras, à venda e em exposição, um livro de quadrinhos da Marvel Comics destinado a jovens no qual aparecia um beijo entre dois personagens homens. Isso foi motivo para imediata reação do prefeito da cidade, ligado a uma igreja pentecostal, para mobilizar vários funcionários da Prefeitura, em pleno domingo, e mandar recolher todos os livros, num ato eminentemente arbitrário, sob o argumento de que as crianças precisavam ser protegidas de conteúdo sexual inadequado. A Bienal sofreu ameaça de ter seu alvará cassado, se acaso não cumprisse as determinações da Igreja, digo, da Prefeitura (desculpem o ato falho). Poucas vezes a hipocrisia teve tanto significado simbólico. Ao mesmo tempo, do lado de fora da Bienal, crianças com menos de 10 anos de idade cheiravam cola, passavam necessidades nas ruas, sem alimentação, sem saneamento básico, sem qualquer amparo do mesmo governo. Ou seja, para o prefeito, uma criança ver um quadrinho com homens se beijando na boca é mais nocivo do que passar fome ou frio pelas ruas. Infelizmente, muitas pessoas, pelos mais diferentes motivos que não me cabe analisar ou julgar, corroboram esse pensamento hipócrita que está levando nossa sociedade a um perigoso retrocesso no campo dos direitos e liberdades.

Creio que muitos desses pastores evangélicos atuais, que povoam inúmeros horários, em vários canais de TV aberta e a cabo, possam ser, em sua hipocrisia, comparados com os fariseus, grupo político-religioso judeu que viveu e teve grande influência à época de Jesus. Os fariseus, que chegaram a organizar as sinagogas que eram os templos judeus, julgavam conhecer mais que qualquer outro grupo todas as leis de Deus e queriam exigir que toda a sociedade as cumprisse com máximo rigor, julgando de forma impiedosa quem eles consideravam como graves pecadores, por exemplo, as prostitutas. Em certo aspecto, caminhamos perigosamente nessa linha, quando líderes religiosos e seus

seguidores estão assumindo cargos públicos importantes em todas as esferas de Poder: além do Executivo e do Legislativo, recentemente, aventou-se até que o próximo componente da Suprema Corte brasileira seja de uma determinada religião, de forma a impor a toda a sociedade os valores desse grupo de indivíduos que julgam serem os porta-vozes de Deus na face da Terra. Ou talvez apenas usem essa intolerância para exercerem sua manipulação sobre seus fiéis, mas isso é tema para outra discussão que não cabe neste capítulo.

Este que vos escreve gostaria de relatar algo que pôde experimentar em sua passagem como voluntário do CVV (Centro de Valorização da Vida). Para quem não conhece, é uma instituição de prevenção ao suicídio, onde pessoas de qualquer área profissional, sem qualquer pretensão de serem terapeutas, pois não têm formação na área psicológica, atendem por telefone ou presencialmente pessoas que buscam um socorro emergencial para situações de abandono emocional e de desespero que podem, em tese, até mesmo levar ao suicídio.

Por diversas vezes, conversei com adolescentes e jovens, meninos e meninas, que se enxergavam como homossexuais, mas que não aceitavam a própria condição ou muito sofriam em decorrência dela, pois sempre lhes fora dito pelos pais e pelos pastores que isso seria uma condição vergonhosa e inaceitável para a sociedade e para Deus. Alguns tinham um medo assombroso dos próprios pais, como num caso em que um rapaz de 17 anos me relatou que seu pai afirmava que preferia “ter um filho morto a um filho gay”. Por sinal, essa frase já foi também proferida por um político muito famoso que chegou até a receber alguns aplausos por ela. Esse jovem chegava a temer ser assassinado pelo próprio pai e pensava em suicídio para se ver livre de tamanha angústia. Gostaria de ressaltar que não é a totalidade dos pastores que pensam e agem com essa intolerância. Conheço alguns que pregam a tolerância e amor ao próximo, como diretrizes de suas igrejas, para seus fiéis. Infelizmente, estes não têm tanta visibilidade. É de se imaginar que um jovem homossexual que sofre tal tipo de

repressão até no local onde se deveria esperar acolhimento, que é o próprio lar, terá muita dificuldade de desenvolver qualquer tipo de relacionamento, seja por medo, por vergonha, por dificuldade de autoaceitação.

Não há dúvida de que na formação de nosso caráter e nos conceitos (e preconceitos) que adquirimos em nossas vidas, há uma forte influência do que nos foi passado pelos nossos pais, seja pelo que eles dizem, seja pelos exemplos que observamos em seus comportamentos. Se queremos uma sociedade mais livre e mais harmônica para nossos filhos e netos, com uma melhor convivência entre as pessoas, onde os relacionamentos sociais e amorosos se iniciem de forma saudável e assim se estabeleçam, precisamos, ainda que com compaixão e compreensão pelos nossos pais e avós, questionarmos os ensinamentos por vezes tortos e obsoletos que nos foram passados.

Evidentemente que a homofobia presente em nossa sociedade prejudica de maneira singular o início de um relacionamento amoroso, pois a pessoa sabe que o casal precisará enfrentar muita rejeição em várias esferas, seja esfera familiar, seja religiosa, seja perante a sociedade. Em certos horários e regiões do País, um simples beijo em local público pode desencadear até mesmo o risco de o casal homossexual sofrer grave agressão psicológica, física ou até mesmo do caso chegar ao extremo do homicídio, como infelizmente já ocorreu algumas vezes em nosso país. Em outras palavras, um casal homossexual, para se estabelecer, como tal, perante a sociedade, precisa romper muito mais barreiras e enfrentar muito mais dificuldades que um casal heterossexual. Acredito que a luta por uma sociedade mais harmônica, em que cada um possa exercer sua afetividade e sua sexualidade da maneira que lhe convier, sem repressão ou patrulha, seja tarefa de todos nós, pessoas de bem, e não apenas dos grupos discriminados. Isso vale também para outros grupos minoritários (ou não) vítimas de preconceito, tais como negros, índios, imigrantes, refugiados, mulheres...

Uma pesquisa realizada pelo IPEA (MATOSO, 2014) mostra números assustadores que demonstram o tipo e o montante de discriminação que um casal homossexual terá que enfrentar. Citarei abaixo alguns desses números:

- 51,7% dos entrevistados acham que o casamento homossexual deveria ser proibido;
- 59,2% dos entrevistados se incomodam ao ver duas pessoas do mesmo sexo se beijando na boca em público.

Não obstante a Justiça brasileira já ter, diante da omissão da legislação pátria, determinado que homofobia é crime similar ao de racismo, o que sem qualquer dúvida foi um passo muito importante para salvaguardar a honra e a integridade física dos homossexuais, ainda há muito chão a ser percorrido para que o entendimento do senso comum brasileiro se coadune com o entendimento jurídico, haja vista, inclusive, as intensas reclamações protagonizadas por grupos políticos e religiosos a respeito dessa decisão do STF. Atualmente, estamos vivendo (escrevo em outubro de 2019) uma onda de forte conservadorismo no País, que se retrata no Parlamento e no Poder Executivo, em várias esferas, o que acaba dificultando avanços e até mesmo promovendo retrocessos. Outro avanço importante no combate à homofobia que aconteceu no Brasil, na última década, foi o ensino do respeito às diversidades sexuais nas escolas, acompanhado de educação sexual. Infelizmente, houve forte reação das igrejas e de grupos políticos conservadores que chamaram esse ensino de “ideologia de gênero”, como se fosse um estímulo para que crianças e adolescentes pudessem se transformar em homossexuais, deturpando totalmente a proposta que apenas visava o respeito e a inclusão social das minorias.

Há de se observar que essa onda conservadora não está restrita ao nosso país, porém, em alguns outros, na Europa, por exemplo, a xenofobia está na pauta da extrema direita de uma forma mais forte que a homofobia, diferentemente do fenômeno brasileiro.

Antes de adentrar nas considerações a respeito do machismo, gostaria de citar um texto do advogado e sociólogo Renan Quinalha

(2018), no qual ele relaciona intimamente os dois fenômenos, colocando um como produto do outro ao dizer que: “Nossa sociedade é instituída no campo da sexualidade por uma norma de heterossexualidade compulsória associada à suposta natureza superior dos homens em relação às mulheres. Assim, a inferiorização das mulheres e a estigmatização de tudo o que encarna esses traços tidos como típicos do gênero feminino têm impactos profundos na vida dos homossexuais”. Ainda ao asseverar que: “Um verdadeiro homem, assim, nessa lógica machista, seria aquele que rejeita qualquer associação às características atribuídas às mulheres, como passividade, fragilidade, cuidados domésticos e assim por diante. Os homens “verdadeiros” devem ser forjados por uma masculinidade agressiva e viril.” (QUINALHA, 2018).

Machismo, Misoginia: hipocrisia às quais não nos damos conta

De acordo com o dicionário eletrônico Michaelis, podemos entender o machismo como: (1) qualidade, comportamento ou modos de macho (homem); macheza, machidão; (2) orgulho masculino em excesso, virilidade agressiva; (3) ideologia de supremacia do macho que nega a igualdade de direitos para homens e mulheres.

A respeito de misoginia, assim define o mesmo livro: antipatia ou aversão mórbida às mulheres.

Compartilhei, anteriormente, uma definição que pode ser considerada clássica do que venha a ser machismo, mas há de se considerar que não há um consenso estabelecido e o termo acaba ganhando diversos contornos, enfoques e significados de acordo com a ideologia de quem escreve a respeito. Vou citar como exemplo algumas definições livres que encontrei num site chamado Dicionário Informal (2015), as quais realmente me causaram forte estranheza por seu conteúdo carregado de... machismo! Ei-las:

Característica do homem natural que não se deixou influenciar pelo Marxismo Cultural, cujo objetivo é afeminar os homens e masculinizar as mulheres. Homem que valoriza a sua masculinidade e sente atração por mulheres femininas, decentes e de família. Homem que despreza mulheres promíscuas e masculinizadas. Orgulho de ser homem; diferente de certas definições deturpadas, o machismo afirma que é normal o homem sentir orgulho de sua virilidade, masculinidade e de qualquer característica inerente ao homem. (DICIONÁRIO INFORMAL, 2015).

A partir daí, podemos ter uma boa ideia do quanto o machismo pode até mesmo almejar ressignificar o termo em nome de uma ideologia. Da mesma forma que passei minha experiência pessoal, desde minha infância até os dias de hoje, a respeito da homofobia, tentarei traçar um paralelo no que diz respeito ao machismo. Cresci nos anos 1970 ouvindo certos conceitos como: “O homem é o chefe da casa e da família”; “O homem é o cabeça da família”; “Cabe ao homem o sustento da casa e da família”; “Cabe à mulher cuidar da casa e dos filhos”; “Se você me amasse faria isso ou aquilo”; “Eu não quero você falando com ele”... e por aí vai. Minha mãe, mesmo, embora tivesse uma boa profissão, foi persuadida a abandonar o trabalho e uma carreira promissora para poder se dedicar à criação dos filhos e à administração da casa. Caso ela tivesse se rebelado contra essa decisão de meu pai, provavelmente teria encontrado oposição até de sua própria família de origem, sem contar da sociedade como um todo. Essa era a regra vigente nos anos 1970, que começou a se modificar com mais força nos anos 1980, quando os movimentos feministas começaram a ter mais voz e realmente influenciar a sociedade. Na minha geração (nasci em 1967), e entre os mais jovens, o incomum é a mulher que não trabalha fora e exerce apenas a função de “dona de casa”. Gostaria de salientar que não vejo qualquer mal no fato da mulher se restringir aos cuidados da casa e dos filhos, desde que seja uma decisão não imposta pelo marido ou pela igreja ou pela sociedade.

Em 1972, o genial ex-Beatle John Lennon gravou uma música composta por ele e sua esposa Yoko Ono com fortíssima crítica ao machismo vigente à época e, “por tabela”, ainda criticou o racismo ao denominar a canção de “*Woman is the nigger of the world*” título que traduzido para nosso idioma diz que a mulher é o negro do mundo, porém usando uma palavra que é considerada pejorativa (*nigger*) para se chamarem as pessoas negras nos EUA, seria similar ao se referir aos negros no Brasil como “crioulos”. A letra demonstra de forma contundente a hipocrisia da sociedade na forma de tratar as mulheres e conclama para que as pessoas reflitam e façam algo a respeito.

Apesar de ter se passado quase meio século do lançamento da canção, constatamos que embora tenha havido evolução e conquista de direitos, ainda há um longo caminho a ser percorrido. De acordo com o Mapa da Violência criado pela Organização das Nações Unidas (ONU, 2015), o Brasil apresenta uma taxa de 4,8 homicídios por 100 mil mulheres. O Brasil, num grupo de 83 países com dados homogêneos, fornecidos pela Organização Mundial da Saúde, ocupa uma pouco recomendável 5ª posição, evidenciando que os índices locais excedem, em muito, os encontrados na maior parte dos países do mundo. Efetivamente, só El Salvador, Colômbia, Guatemala (três países latino-americanos) e a Federação Russa evidenciam taxas superiores às do Brasil. Mas as taxas do Brasil são muito superiores às de vários países tidos como civilizados:

- 48 vezes mais homicídios femininos que o Reino Unido;
- 24 vezes mais homicídios femininos que Irlanda ou Dinamarca;
- 16 vezes mais homicídios femininos que Japão ou Escócia.

De acordo com esses mesmos dados, o preconceito, a misoginia e a violência se dirigem para um segmento específico, o das mulheres negras. Com poucas exceções geográficas, a população negra é vítima prioritária da violência homicida no País. As taxas de homicídio da população branca tendem, historicamente, a cair, enquanto aumentam as taxas de mortalidade entre os negros. Por esse motivo, nos últimos anos, o índice de

vitimização da população negra cresceu de forma drástica. E as violências contra a mulher são diversas, como posso citar algumas, que estão de acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2001) e estudiosos que trabalham essa questão:

- Física: é dentre todas a mais conhecida. Refere-se àquela onde são causados danos corporais pelo uso de força física, compreendendo tapas, estupro e o uso de instrumentos como armas brancas ou de fogo;
- Psicológica: envolve humilhações, chantagens, ciúme excessivo, proibições e controles, ridicularizações ou ameaças. Frases como “Você não vai conseguir fazer isso ou aquilo”, “se você largar de mim, duvido que algum homem venha a te querer”, “Nosso relacionamento não é abusivo. Eu nunca te bati, você apenas merece cada coisa que te falo”, “quem você pensa que você é para estar falando comigo desse jeito?”, “você não está se achando muito gorda/feia/velha” ilustram algumas dessas atitudes psicológicas abusivas;
- Violência sexual é toda ação na qual uma pessoa, em situação de poder, obriga uma outra à realização de práticas sexuais contra a vontade, por meio da força física, da influência psicológica (intimidação, aliciamento, sedução) ou do uso de armas ou drogas;
- Negligência é a omissão de responsabilidade, de um ou mais membros da família em relação a outro, sobretudo, com aqueles que precisam de ajuda por questões de idade ou alguma condição específica, permanente ou temporária.

É uma vergonha para o nosso país termos uma mulher morta a cada duas horas vítima da violência. Os números são do Monitor da Violência, um estudo do G1 em parceria com o Núcleo de Estudos da Violência da USP e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Nos anos 1970, até o senso comum sobre o feminismo era aquele afirmado pelos homens e repetido por muitas mulheres: as feministas seriam mulheres feias, “mal-amadas”, “imorais” que, por não terem conseguido um bom casamento, queriam que as

mulheres fossem “iguais” aos homens. Esse conceito era e, até hoje, ainda é defendido inclusive por muitas mulheres, algumas em altos cargos de poder, por mais paradoxal que isso possa ser. Por sinal, não faltam em nossos dias circunstâncias totalmente incoerentes e hipócritas. Vejam bem, uma mulher que conseguiu alçar um altíssimo cargo público defendendo que as mulheres não devem estudar muito e devem ser submissas aos companheiros. Como classificar e enquadrar tal postura, foge ao meu conhecimento, restando-me apenas constatar a patente hipocrisia. Assim como a afirmação de que os meninos vestem cor azul e as meninas vestem cor rosa. Esta afirmação, embora possa à primeira vista parecer inocente, na realidade carrega com ela um conceito tanto de homofobia, ao considerar errado um menino querer se vestir diferentemente, como um conceito de machismo, ao querer determinar qual é lugar que a mulher deve ocupar e o papel que deve desenvolver na sociedade, distinto do homem.

O filósofo Mário Sergio Cortella tem uma definição muito simples e didática do que seria o feminismo, quando ele diz que machismo não é o contrário de feminismo, machismo é a concepção de que os homens são superiores, enquanto o feminismo não é a crença de que as mulheres são superiores aos homens e sim iguais (CORTELLA, 2017). Tanto um homem pode ser feminista, quanto uma mulher pode ser machista.

Assim como acontece com a homofobia, quando os heterossexuais se colocam numa posição hierarquicamente superior aos homossexuais ou transsexuais, no machismo os homens se colocam como superiores às mulheres. A religião, principalmente nas expressões do islamismo radical e do cristianismo fundamentalista, que é muito preponderante e crescente em nosso país, está diretamente ligada à disseminação desse conceito. Tais expressões se baseiam em alguns trechos das escrituras ditas sagradas para afirmarem que essa é a vontade e a ordem de Deus.

Recentemente, um poderoso “bispo”, proprietário de um canal de televisão, e forte apoiador do governo federal, proclamou

em um culto que as mulheres devem ser submissas ao marido e que não deveriam estudar além do ensino médio, pois uma mulher tão ou mais culta que o marido seria prejudicial à família, o que acabaria por trazer infelicidade conjugal. Por mais estarrecedor e medieval que esse pensamento possa parecer, ele foi proferido em pleno 2019, com milhares de seguidores a endossar e aplaudir. Pois bem, na minha modesta visão, seria exatamente o oposto o que pode prejudicar sobremaneira o casamento e principalmente o início e a continuidade de uma relação amorosa é a premissa de que esta vai se estabelecer com o domínio e a submissão de um perante o outro. Salvo que a mulher comungue também desta ideologia e aceite de bom grado a submissão, um relacionamento amoroso provavelmente não terá sucesso dessa forma. Ainda que tenha, consideraria questionável a saúde psíquica de tal relação. Uma relação amorosa que comece com respeito mútuo e sem hierarquia de gênero tem um potencial muito maior de ter sucesso e felicidade para o casal, cada um dando sua contribuição na construção da relação e futuramente, quem sabe, na construção de um verdadeiro lar! Isso vale também quando o casal tem filhos. Para ilustrar o machismo estrutural presente em nossa sociedade, cito aquela fala super usual de um marido que diz que “ajuda muito a esposa em casa ao lavar a louça ou a trocar a fralda do filho”. Ele não considera que faz sua obrigação nos cuidados da casa ou dos filhos, mas, sim, que está sendo muito legal e generoso ao ajudar a esposa! E realmente não fala isso conscientemente, muitas vezes não parou para pensar no absurdo de sua fala ou pensamento, pois talvez seu pai e avô nem mesmo essa tal “ajuda” tenham dado em casa. Muitas vezes, as mulheres trabalham fora como os maridos e ainda lhes cabem as tarefas domésticas, o que as deixa sobrecarregadas e estafadas... novamente a letra da música referida acima do John Lennon se fazendo super atual, quando faz uma analogia das mulheres com escravas.

Faz-se importante que a mulher, logo no início de um relacionamento, preste atenção a como seu namorado (ou candidato a sê-lo) se refere a outras mulheres, sejam amigas,

colegas de trabalho, ex-namoradas. Se ele fala delas com o devido respeito as suas condições de mulher ou se usa adjetivos machistas e misóginos, já podem ser bons indícios de como a tratará num futuro. Cabe à mulher estar atenta aos sinais e não apenas à forma como ela é tratada num início de relacionamento.

A submissão leva o homem, muitas vezes, a se considerar praticamente um proprietário da esposa ou até mesmo namorada, querendo determinar o que ela vai vestir, se pode ou não trabalhar, os amigos que vai ter. Daí, essa situação poderá evoluir para uma violência física, caso a mulher não siga corretamente a cartilha estabelecida é um passo. Os casos de agressão física contra mulheres vêm crescendo a despeito até da existência de uma lei produzida com o específico intuito de defender as mulheres da violência de seus companheiros, a denominada Lei Maria da Penha. Assim como a despeito do estabelecimento do feminicídio como uma condição qualificadora do crime de homicídio quando o crime é praticado por razões da condição do sexo feminino, quando o crime envolve violência doméstica e/ou familiar ou menosprezo ou discriminação contra a condição da mulher (Lei 13.104/2015). Vale lembrar que o Código Penal Brasileiro trazia até 2005, sim, repito, até 2005(!), o bizarro termo “mulher honesta” em artigo tratando de crime sexual. Sendo assim, pode-se considerar que essas leis mais recentes representam um avanço no combate às formas mais graves de manifestações do machismo e de misoginia, quando estas levam os homens a serem violentos ou até mesmo homicidas. Dito isso, faz-se necessário que a sociedade como um todo repense os seus conceitos e ideologias que levam à necessidade constante de artifícios legais para coibir os nefastos efeitos de um pensamento que só traz desarmonia e tragédia.

Em 2014 foi realizada uma pesquisa pelo IPEA (MATOSO, 2014), cujo resultado estarreceu a parte da sociedade que acredita e luta por uma sociedade igualitária em relação aos gêneros. Vou expor aqui alguns desses resultados, que são, a meu ver, assustadores, para que o leitor reflita e se for viável, possa dar sua parcela de contribuição para mudarmos esse fenômeno social.

Abaixo elencados alguns dados da pesquisa; estes e outros índices podem ser encontrados em Matoso (2014).

- 26% dos entrevistados concordaram que mulheres que usam roupas que mostrem o corpo merecem ser atacadas;
- 27,2% dos entrevistados concordam que a mulher casada, mesmo quando não tem vontade, deve satisfazer o marido sexualmente;
- 54,9% dos entrevistados acham que há mulher para casar e há mulher para a cama;
- 15,5% dos entrevistados acham que a mulher que apanha do marido deve ficar quieta;
- 63% dos entrevistados acham que casos de violência dentro de casa devem ser discutidos apenas dentro do âmbito familiar.

Diante desses números, podemos concluir o quanto o machismo encontra-se arraigado dentro de nossa sociedade. E para agravar ainda um pouco o quadro as mulheres foram maioria entre as pessoas entrevistadas.

Racismo x Hipocrisia

Antes de adentrarmos nesse tema, gostaria de expor as diferenças entre racismo e discriminação racial. De acordo com Michaelis (1998), racismo seria definido desta forma:

1. Teoria ou crença que estabelece uma hierarquia entre as raças (etnias). 2. Doutrina que fundamenta o direito de uma raça vista como pura e superior de dominar outras. 3. Preconceito exagerado contra pessoas pertencentes a uma raça (etnia) diferente, geralmente vista como inferior. 4. Atitude hostil contra certa categoria de indivíduos. Discriminação racial seria o ato de segregar ou não aceitar uma pessoa ou grupo de pessoas por conta da cor da pele. (MICHAELIS, 1998).

Gostaria de começar salientando que o conceito de raça atualmente é controvertido, pois foi muito usado para fomentar o

racismo e hoje em dia está cada vez sendo menos usado. Como ensina o Prof. Dr. Kabengele Munanga (2010):

Alguns biólogos antirracistas chegaram até a sugerir que o conceito de raça fosse banido dos dicionários e dos textos científicos. No entanto, o conceito persiste tanto no uso popular como em trabalhos e estudos produzidos na área das Ciências Sociais. Estes, embora concordem com as conclusões da atual Biologia Humana sobre a inexistência científica da raça e a inoperacionalidade do próprio conceito, justificam o uso do conceito como realidade social e política, considerando a raça como uma construção sociológica e uma categoria social de dominação e de exclusão. (MUNANGA, 2010).

Desta forma, ainda que concordando que raça não seja um termo muito adequado quando se trata de humanos, tomarei a liberdade de usá-lo vez ou outra apenas para facilitar o entendimento e a exposição das ideias. Embora possa haver outros tipos de racismo, o autor vai se ater ao racismo contra negros, pois é o que configura o problema mais grave no Brasil, que teve ao longo de mais de três séculos negros trazidos do continente africano para serem escravos em suas terras. Gostaria também de ressaltar que meu enfoque é de um branco, filho e pai de pessoas brancas e que nunca sofreu na pele qualquer tipo de discriminação racial. Não sei por experiência própria o que é ser humilhado ou ver seus pais ou filhos serem discriminados por questões raciais. Dito isto, sou um ser humano que, ao menos, tenta ter empatia com o outro e que pode, sim, sofrer (sem querer comparar o sofrimento) ao ver e constatar tal aberração que é alguém ser julgado pela cor de sua pele ou pelo tipo de cabelo que tem. Acredito firmemente que a luta contra o racismo deve ser de todas as pessoas, concordando plenamente com a filósofa norte-americana Angela Davis, citada por Figueiredo e Figueiredo (2018) quando diz que: “Numa sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista” (p. 1). Cito também o religioso sul-africano e ganhador

do Prêmio Nobel da Paz, Desmond Tutu³, quando afirma que: “Se você fica neutro em situações de injustiça, você escolheu o lado do opressor.” Vale lembrar que Tutu foi um forte ativista contra o Apartheid que perdurou em seu país natal até 1994, onde os negros (maioria no país) eram até, então, oficialmente cidadãos de segunda classe. Seu país foi o último do mundo a adotar uma legislação oficialmente discriminatória.

Negros foram oficialmente considerados seres humanos inferiores, durante muitos séculos, e a forma como a escravidão foi abolida no Brasil não propiciou uma inserção dos negros na sociedade e no mercado de trabalho, de modo que eles pudessem ter as mesmas oportunidades que os brancos. O resultado disso pode ser muito facilmente observado em pleno 2019, bastando olhar para uma fotografia de uma turma de formandos em medicina ou engenharia numa boa universidade e contar quantos negros ou pardos aparecem. Trarei aqui alguns números de uma pesquisa realizada pelo IBGE em 2018 (CALEIRO, 2018), os quais são um retrato racial do Brasil. Renda média: R\$ 1.570,00 para negros, R\$ 1606,00 para pardos e R\$ 2.814,00 para brancos (quase o dobro). Em 2015, no grupo do 1% mais rico da população, apenas 17,8% eram de negros e pardos embora eles representassem 54% da população. A taxa de analfabetismo entre negros e pardos é mais que o dobro do que entre brancos e a porcentagem de brancos com ensino superior é mais que o dobro do que negros e pardos.

Ao se falar de criminalidade, os números assustam ainda mais: de acordo com estudo realizado pelo Ipea e Fórum Brasileiro de Segurança Pública em 2018, o número de negros assassinados em 2016 foi 2 vezes e meia superior ao de não negros e o que é ainda pior, esses índices parecem estar numa ascendente, haja vista que de 2006 para 2016 a taxa de homicídios de negros cresceu 23,1% enquanto a de não negros caiu 6,8%. Ou seja, de acordo com os dados desse estudo, as diferenças entre negros e brancos não está

³ <https://www.imagineie.com.br/enem/exemplo-de-redacao/o-desequilibrio-entre-consumo-e-sustentabilidade/1491049>

caindo, mas sim subindo! Ou seja, “tapar o sol com a peneira grossa” e se comportar como se o racismo no Brasil fosse um problema superado em nada vai ajudar a resolver o problema, ao contrário, vai agravar, aliás, está agravando.

Algumas políticas chamadas “afirmativas” vêm sendo adotadas, nos últimos anos no Brasil, com o objetivo de diminuir a distância socioeconômica existente no País entre negros e brancos, por exemplo a política de cotas para ingresso nas universidades e em concursos públicos. No entender deste autor, essa política, embora polêmica e problemática, acaba por trazer benefícios e por minimizar um pouco o abismo social. Dito isto, reconheço que há argumentos respeitáveis em sentido oposto ao se considerar que essas políticas acabam eximindo o governo de adotar medidas estruturais mais sérias em educação, saúde e moradia que visem tornar não mais necessária a política de cotas no futuro. Enfim, séculos de escravidão, séculos de racismo, discriminação e preconceito não se apagam ou se superam com apenas uma ou outra medida afirmativa. Faz-se necessário o engajamento de toda a sociedade para que, com o passar do tempo, os efeitos nefastos dessa nossa história possam ser minimizados e, quem sabe um dia, superados. Quando esse dia chegar, as políticas afirmativas como a de cotas perderão o sentido, assim como o racismo será um tema apenas de livros de história e não mais tema de debates ou reflexões como a que este livro propõe.

Algumas gerações passadas foram acostumadas a repetir piadas ou histórias repletas de racismo sem se questionar se isso seria eticamente correto, se seria justo ou se seria moralmente aceitável. As famosas histórias do escritor infanto-juvenil Monteiro Lobato estão recheadas de racismo e sempre foram aceitas e toleradas, pois apenas retratavam o que acontecia nas famílias brancas de classe média, que tinham serviçais negros não muito longe do que seriam os escravos. Não se trata aqui de julgar o antigo e célebre escritor cujas histórias fazem parte da infância de muitas gerações, a minha incluída. Ele foi criado e viveu em outro contexto histórico, mas o fato é que os tempos são outros e não

podemos tolerar mais o que antes aceitávamos. Assisti outro dia a uma entrevista do escritor de novelas Walcyr Carrasco na qual ele contou estar reescrevendo a obra infanto-juvenil de Lobato, mas a adaptando ao mundo de hoje, tanto no aspecto de costumes, inserindo a tecnologia hoje presente no nosso cotidiano como telefone celular e internet, assim como, e principalmente, tornando a obra, que certamente tem enorme valor, aceitável sob o ponto de vista do respeito às diversidades que compõem nossa sociedade contemporânea.

Alguns conservadores gostam de afirmar que o “politicamente correto” tornou o mundo mais chato, uma vez que hoje em dia não se pode mais fazer piadas ou bullying de caráter racista, homofóbico ou machista. Discordo totalmente dessa premissa. Ainda que sem julgar ou condenar escritores e humoristas do passado, a sociedade precisa evoluir como tal, assim como nós, indivíduos, precisamos evoluir enquanto seres humanos em busca de um mundo mais justo em que alguns grupos, minoritários ou não, não sejam mais discriminados por condições que eles não escolheram ter e muitas vezes sofrem calados.

Alguns avanços ocorreram no século XX, como a criminalização do racismo, mas é fato que na prática o racismo estrutural não desapareceu, tampouco diminuiu consideravelmente. Inúmeras passagens e fatos em nossa sociedade comprovam e demonstram claramente que um pensamento preconceituoso ainda permeia o ideário de muitas pessoas. Recentemente, uma famosa jornalista negra, que “ousou” ter uma participação de destaque em um importante noticiário da televisão, foi alvo de inúmeros comentários racistas na Internet, sempre de pessoas que se escondem sob o manto do anonimato através de perfis falsos, mas não têm qualquer escrúpulo ao expor ofensas e pensamentos que nem mesmo no século XIX seriam publicamente aceitáveis. Prefiro nem repetir certas frases aqui para não causar náuseas no leitor mais sensível e a consequente interrupção desta leitura.

Uma vez que citamos o caso de uma jornalista vítima de racismo, gostaria de lembrar outro caso também ligado ao jornalismo da mesma emissora, mas de mão inversa, onde um importante e famoso entrevistador foi flagrado fazendo uma infame piada racista “em off”, sem imaginar que as câmeras e microfones estariam ligados, muito menos que haveria divulgação do material. Não cabe aqui a condenação da pessoa específica, mas, sim, do racismo estrutural do qual ele próprio muito provavelmente nem se dava conta e foi ao mesmo tempo vítima (acabou sendo demitido da emissora) e algoz.

Ainda pior do que as ofensas sofridas pela jornalista e muitas outras pessoas de origem negra no dia a dia é o extermínio que vem ocorrendo em lugares como o Rio de Janeiro, onde um tratamento totalmente diferenciado é dado pela polícia (com aval do governo) aos moradores de favelas (criminosos ou inocentes), em sua esmagadora maioria, negros. Após uma menina negra ser assassinada por policiais por engano em uma favela carioca, foi publicada uma charge que muito bem retrata a triste situação: uma menina negra levanta sua blusa para sua mãe e lhe diz: “Olha mãe, eu tenho a mesma marquinha de nascença que a senhora...” Um alvo está marcado em seu abdômen. A imagem traz um misto de profunda tristeza e revolta a qualquer cidadão minimamente empático com a dor alheia.

Negros já nascem e crescem com uma probabilidade muito maior de morrerem vítimas da violência urbana, seja pela polícia, seja por bandidos. Como demonstrado no início desta exposição, lamentavelmente esses números vêm crescendo. Uma outra charge dá conta de retratar duas realidades distintas: num quadrinho, um menino branco de cerca de 10 anos de idade diz à sua mãe que está saindo para a rua, no que ela responde: “Não esquece o casaco!”. No quadrinho seguinte, um menino negro de mesma idade diz à mãe da mesma forma que está saindo pra rua, mas neste caso as recomendações da mãe zelosa vão muito além da preocupação com o frio, ela lhe diz: “Não esquece o casaco, não use nada que cubra seu rosto, não faça movimentos bruscos se for abordado por um policial, responda em voz baixa e deixe suas mãos sempre à vista, não...”.

Recentemente assisti a uma palestra de uma famosa atriz negra da televisão (ARAÚJO, 2017), esposa de um igualmente famoso ator negro, ambos famosos e ricos. Pois bem, ela dizia que enquanto famosos e ricos que eram, dificilmente seriam alvos de preconceito explícito, mas ela tinha consciência de que seu filho, mesmo criança, ao sair à rua precisaria tomar certos cuidados extras.

Um menino branco de 14 ou 15 anos de idade andando por um bairro praiano do Rio de Janeiro descalço e sem camisa será visto com total naturalidade, mas se o menino negro de mesma idade for visto nos mesmos trajes no mesmo local será alvo de batidas policiais (mesmo que os policiais sejam negros, e aí reside o racismo estrutural) ou olhares desconfiados das pessoas, que atravessarão a rua ou recolherão suas bolsas. Em outras palavras, na realidade ele não tem os mesmos direitos de qualquer pessoa, embora a Constituição os garanta. Só os terá quando a sociedade for mais igualitária. Só para deixar registrado, há pessoas que classificariam esse pensamento como vitimismo.

No tocante aos relacionamentos amorosos, podemos contextualizar toda essa situação analisada afirmando que uma pessoa branca, ao iniciar ou tentar iniciar uma relação com uma pessoa de origem negra, certamente já enfrentará um problema a mais. Uma pessoa branca, ao iniciar um relacionamento amoroso com uma pessoa negra, já sabe que no caso de vir a constituir uma família com filhos e tal, assumirá que passará a conviver com uma problemática que não estaria obrigado a assumir ao se relacionar com uma pessoa branca, e certamente nem todos estão dispostos a isso. Há ainda outros aspectos que podem dificultar a relação.

A psicanalista Noemi Kon (citada em SANZ, 2017) afirma que “o racismo pode fazer com que as pessoas se sintam menos qualificadas a ocupar determinados espaços na sociedade e a estabelecer relações amorosas de qualidade, por exemplo”. Numa afirmação onde une o enfoque antirracista e ao mesmo tempo feminista, a mestre em psicologia Clélia Prestes (<https://revistaforum.com.br/noticias/a-solidao-tem-cor/>) afirma que:

Desde o nascimento e ao longo do processo identitário, a autoestima é influenciada pelos referenciais coletivos de beleza, nos quais as mulheres negras praticamente não estão representadas, apesar da maioria da população brasileira ser negra. Como resultado, no imaginário social e em concepções pessoais, pensamentos e sentimentos que tratam a diversidade com hierarquia de valores, prejudicando drasticamente a forma como mulheres negras são vistas e, conseqüentemente, sua autoestima e relações afetivas. (PRESTES, 2015).

Em alguns casos haverá oposição dentro da família, provavelmente uma família de bem que hipocritamente afirmará que não é racista (são raros os racistas assumidos), desde que a “branquitude” de seus descendentes não venha a ser ameaçada. Recentemente, um importantíssimo político que claramente tem índios e/ou negros entre seus ascendentes postou uma foto de seu neto, de pele mais clara que a dele, com a seguinte legenda: “Meu neto é um cara bonito, viu ali? Branqueamento da raça”. Sem querer fazer um trocadilho, foi um exemplo muito “claro” do racismo estrutural que leva até mesmo algumas pessoas de origem negra a desejarem o branqueamento de sua família e ao mesmo tempo liga a beleza física à raça branca, conceito absolutamente equivocado, mas tantas vezes afirmado durante séculos por uma sociedade racista que até mesmo uma pessoa “esclarecida” o toma como uma verdade.

Considerações finais

A discriminação de homens contra mulheres, de heterossexuais contra homossexuais ou transsexuais, de brancos contra negros e pardos é algo que vem sendo passado através de gerações e gerações de pais para filhos e muitas vezes as pessoas sequer se questionam sobre a razão de exercerem seus preconceitos, simplesmente repetem o que lhes foi passado. Algumas vezes lhes convém essa (falsa) sensação de superioridade, de exercer poder sobre o outro, que pode estar fragilizado por ser

minoria, por ter menos condição econômica ou força física. As razões que levam o ser humano a agir com preconceito são muitas e têm raízes históricas, sociais, religiosas, psicológicas, umas atuando para justificar as outras e dessa forma o problema vai se perpetuando. A sociedade evolui de forma extremamente rápida no que diz respeito aos avanços tecnológicos na engenharia, assim como no que diz respeito aos avanços científicos na medicina e outras áreas, mas dá a impressão de que no campo social e psicológico essa evolução não se dá da mesma maneira e na mesma rapidez. Não concebemos mais a vida sem antibióticos, sem as novas drogas que combatem as disfunções sexuais masculinas, sem as vacinas para doenças outrora incuráveis, sem aviões e carros cada vez mais modernos, ou sem os smartphones que nos colocam em contato com o outro lado do planeta (sim, redondo...) em uma fração de segundo, porém continuamos em alguns aspectos nos comportando como nossos avós e bisavós faziam em relação a conceitos pré-estabelecidos sobre como vemos o outro e o diferente. Chegou o tempo da sociedade parar pra pensar numa evolução também no campo social, sexual e afetivo, onde cada indivíduo seja livre para gostar e se relacionar com quem quiser, seja a pessoa de outro sexo ou não, de outra etnia ou não, onde todas as raças ou etnias sejam respeitadas, onde todas as orientações sexuais sejam respeitadas. A humanidade ainda tem muito para evoluir como tal, parece que ainda precisa descobrir que em todos os níveis da vida humana não há nada melhor que o amor, em todas as suas expressões! Nesse aspecto eu ousaria dizer que temos lições a aprender com alguns animais...

Referências

ARAÚJO, T. **Como criar crianças doces num país ácido**. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H2Io3y98FV4>. Acesso em: 25 de out. de 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço**. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. (Caderno de Atenção Básica, 8).

CALEIRO, J. P. Os dados que mostram a desigualdade. **Exame**, 2018. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/os-dados-que-mostram-a-desigualdade-entre-brancos-e-negros-no-brasil/>. Acesso em: 25 de out. de 2019.

CARVALHO, M. “Travesti”, “mulher transexual”, “homem trans” e “não binário”: interseccionalidades de classe e geração na produção de identidades políticas. **Cadernos Pagu**, p. 33-67, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8652636>. Acesso em: 10 de ago. de 2019.

CORTELLA, M. S. **Machismo não é o contrário de feminismo**. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wGgWP4pyW4>. Acesso em: 25 de out. de 2019.

DICIONARIO INFORMAL. 2015. Disponível em: www.dicionarioinformal.com.br. Acesso em: 25 de out. de 2019.

DINIS, N. F. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educar em Revista**. Curitiba: UFPR, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n39/n39a04>. Acesso em: 25 de out. de 2019.

FIGUEIREDO, T. S.; FIGUEIREDO, P. S. Literatura antirracista: prática em ensino fundamental. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - CONEDU, 5., 2018, Recife. Campina Grande: Realize, 2018. v. 1. p. 01-12.

HUGO, V. **Segurança Pública (a partir dos excluídos de entre os excluídos)**: a presença de minorias sexuais na sociedade brasileira. Rondônia: VH Editores da Amazônia, 2003.

HOUAISS. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JESUS, J. G. **Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos**. Brasília, 2012.

LASSO, P. Antropologia cultural e homossexualidade: variantes do comportamento sexual, culturalmente aprovadas. In: VIDAL, M. et

- al. (Orgs.). **Homossexualidade: ciência e consciência**. Edições Loyola, São Paulo, 1985.
- MATOSO, F. **Para 58,5%, comportamento feminino influencia estupros**. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2014/03/para-585-comportamento-feminino-influencia-estupros-diz-pesquisa.html>. Acesso em: 25 de out. de 2019.
- MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Inclusão social: um debate necessário? [2010]. Disponível em: <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>. Acesso em: 10 de out. de 2019.
- PEIXOTO, V. B. Violência contra LGBTs: premissas históricas da violação no Brasil. **Periódicus**, Salvador, n.10, v.1, 2018.
- PRESTES, C. **A solidão tem cor**. In: ANJOS, A. B.; ARRAES, J. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/noticias/a-solidao-tem-cor/>. Acesso em: 25 de out. de 2019.
- SANZ, B. **Racismo não dá descanso e impacta a saúde e o trabalho dos negros no Brasil**. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/17/politica/1510954056_774052.html. Acesso em: 25 de out. de 2019.
- SOUSA, J. A.; ROCHA, T. M. A. C.; BARROS, C. R. S. Prevalência de discriminação na vida, entre travestis, transexuais e transgêneros. **Cadernos de Gênero e Sexualidade**, v. 4, n. 1, 2018. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv>. Acesso em: 25 de out. de 2019.
- VARELLA, D. **Homossexualidade**. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rqi-UTb9f9Y>. Acesso em: 25 de out. de 2019.